

**DIÁRIOS MASCULINOS DA DÉCADA DE 1950: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA PESQUISA<sup>74</sup>**

*Daniele Ribeiro Fortuna* (UNIGRANRIO e FUNADESP)  
[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)

**RESUMO**

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados preliminares da pesquisa “Os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus”. O objetivo do projeto é analisar e comparar os diários dos escritores Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus, tendo como o foco seus corpos e suas emoções. Estes autores escreveram seus diários na mesma época, na década de 1950 e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar. Os três eram homossexuais e, naquele momento, pouco se discutia o tema. A análise utiliza como escopo teórico estudos sobre discurso, Antropologia das Emoções, corpo e gênero. A metodologia para a realização desta pesquisa se estrutura em três linhas: analítica, teórica e comparativa.

**Palavras-chave:**

**Corpo. Diário. Discurso. Gênero. Antropologia das Emoções.**

**1. Introdução**

Este texto tem como objetivo apresentar os resultados preliminares da pesquisa “Os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus”. Estes autores escreveram seus diários no final da década de 1950 e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar.

Nesse sentido, seu foco é o diário como extensão do corpo e como lugar de expressão das emoções. Busca ainda perceber como a homossexualidade é tratada por esses autores, em um momento em que pouco se abordava o tema e, quando se fazia, era de forma bastante reservada e comedida.

Cabe observar que, enquanto Ayala e Cardoso eram intelectuais e homossexuais assumidos, que sobreviviam exclusivamente a partir de suas atividades como escritor, dramaturgo e crítico literário, Harry Laus,

---

<sup>74</sup> Uma versão preliminar deste texto, quando a pesquisa estava em sua segunda fase, foi apresentada no VI Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, em 2017, em João Pessoa. Apresentamos agora a terceira fase da pesquisa.

durante muito tempo, foi oficial do Exército, fato que marcaria sua vida e sua carreira literária.

Neste texto, apresentarei o quadro teórico da pesquisa, sua metodologia, seus objetivos geral e específico e os resultados parciais.

## 2. *Quadro teórico*

Partindo de uma frase de Paul Ricoeur (1994, p. 116), apresento agora o quadro teórico: “Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (RICOEUR, 1994, p. 116). Diários e autobiografias têm sido alvo de estudos da academia. Gênero que apresenta íntima relação com a autobiografia, o diário se constitui em importante foco de pesquisas. Mais do que um simples espaço no qual o autor narra a sua vida, o diário torna-se parte fundamental de sua existência. Assim, escrever transforma-se em uma necessidade para o narrador do texto. Nesse sentido, se a linguagem se torna constitutiva do sujeito, o discurso formulado a partir dela pode reverberar a realidade – pelo menos, a realidade do indivíduo que se expõe nas páginas de seu texto.

É importante salientar que aqui considero discurso conforme analisa Foucault, para quem “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2012, p. 46). Foucault considera ainda que “onde houver discurso, as representações expõem-se e justapõem-se; as coisas assemelham-se e articulam-se”. A experiência se concretiza por meio da relação com o discurso. É por meio do discurso, ainda, que o sujeito expõe suas emoções.

Rezende e Coelho apontam que o discurso é capaz de “dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 78). Assim, discurso e emoção estão intimamente relacionados. Por isso, Rezende (2002) considera as emoções como práticas discursivas permeadas por negociações de poder. As emoções são ainda modelos de comportamento que aprendidos ao longo da vida e que refletem ideologias, códigos morais e crenças religiosas (KORSMEYER, 2011).

Nesse sentido, são fundamentais na manutenção da ordem social, já que a sociedade se organiza por meio de “representações coletivas que se impõem aos indivíduos e através das quais eles organizam as experiências” (REZENDE, 2002, p. 71) e, com isso, as emoções. Tais

representações devem seguir algum parâmetro. As emoções apresentam, portanto, uma dimensão cultural, podendo variar, assim, de grupo social para grupo social.

Com base no escopo teórico exposto, este projeto busca analisar os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus, tendo como foco suas emoções e seu corpo. Seus diários seriam como extensões de seu corpo, na medida em que se configuram como espaço não apenas para expressão das emoções como expressão de suas próprias vidas; seriam um espaço de sobrevivência e desabafo.

### **3. Objetivos e metodologia da pesquisa**

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar e comparar os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus; e específicos: analisar os diários: *Diário I – Difícil é o reino*; *Diário II – O visível amor*; *Diário II – O visível amor* – de Walmir Ayala, principalmente no que diz respeito ao seu corpo e emoções e à escrita como forma de resistência; analisar o *Diário completo* de Lucio Cardoso, de forma a perceber suas impressões sobre o corpo e emoções; analisar os diários: *Monólogo da provação e Impressões de vida* de Harry Laus, incluindo as cartas disponíveis nas publicações, buscando perceber como lida com seu corpo e emoções; comparar os diários dos três autores citados acima; analisar ainda como a questão de gênero se apresenta nas obras citadas.

Sua metodologia se estrutura em três linhas: a analítica, a teórica e a comparativa. A pesquisa pretende, com o apoio de noções teóricas contemporâneas, contribuir para a análise crítica dos livros *Diário I – Difícil é o reino*; *Diário II – O visível amor*; *Diário II – O visível amor*; *Diário completo*, *Monólogo da provação* e *Impressões de uma vida*, estabelecendo semelhanças e diferenças.

Desenvolverá uma pesquisa bibliográfica, que inclui um levantamento de bibliografia suplementar e aprofundamento teórico sobre os seguintes temas: autobiografia, emoção, corpo e homossexualidade e contexto histórico e sociocultural do período em que os diários foram escritos. Inclui ainda: estudos teóricos sobre a escrita diarística e autobiográfica; estudos teóricos sobre a escrita de si e o discurso da forma como conceitua Foucault (1966; 1992; 2012); estudos teóricos sobre a Antropologia das emoções; estudos teóricos sobre o corpo); estudos teóricos sobre gênero.

Em seguida, analisará os livros: *Diário I – Difícil é o reino*; *Diário II – O visível amor*; *Diário II – O visível amor*, de Walmir Ayala; *Diário completo*, de Lucio Cardoso; e *Monólogo da provação e Impressões de uma vida*, de Harry Laus.

Por fim, fará uma comparação entre os diários citados acima, no que diz respeito ao discurso, ao corpo, às emoções e à homossexualidade.

#### 4. Resultados parciais

Antes de nos debruçarmos sobre a análise dos diários, cabe contextualizar minimamente a vida de seus autores. Como escrita de si, o diário apresenta um discurso impossível de se dissociar da trajetória de seus escritores.

Lejeune (2014) aponta que, ao lermos uma autobiografia ou diário, não importa muito a exatidão. No diário, são travados dois pactos com o leitor: o pacto autobiográfico e o pacto referencial. Segundo Lejeune, no pacto autobiográfico, o nome que assina o texto é o mesmo do narrador. Já o pacto referencial implica que o texto autobiográfico não se propõe “a fornecer informações a respeito de uma ‘realidade’ externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. (...) Seu objetivo não é simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real”. (LEJEUNE, 2014, p. 43)<sup>75</sup>

Ainda que considerar os pactos autobiográficos e referencial seja fundamental quando se trata da escrita de si, acreditamos ser igualmente importante conhecer um pouco da vida dos escritores. Ao pesquisarmos suas trajetória e experiência de vida, seremos capazes de compreender melhor seu texto.

Nesse sentido, apresentamos agora um breve histórico da vida dos três autores. Walmir Félix Solano Ayala nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 4 de janeiro de 1933. Seu pai, Sylvio Solano Ayala, era mecânico de automóveis. A mãe, Letterina Riccardi Ayala, faleceu quando Ayala tinha apenas quatro anos.

---

<sup>75</sup> Grifos de Lejeune.

O início da carreira literária de Ayala foi em Porto Alegre, onde começou a cursar Filosofia. Seu primeiro livro, *A face dispersa*, foi publicado aos 23 anos com a ajuda do pai que, na verdade, queria desestimulá-lo a ser escritor. O pai de Walmir acreditava que, com o fracasso do livro, o filho desistiria da profissão. Mas foi em vão. Ayala abandonou a universidade e se mudou para o Rio de Janeiro. Lá atuou em diversos veículos da imprensa carioca, como *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*. Sua carreira como escritor foi profícua: publicou mais cem obras (PAIXÃO, 2011), de diversos gêneros literários – literatura infantil, teatro, poesia, romance etc. Homossexual assumido, Walmir Ayala tratou abertamente sobre o assunto em seu diário, no final da década de 1950 e início dos anos 60. Abordou o tema também em outras obras.

Depois de muitos anos no Rio de Janeiro, Ayala se mudou para a cidade de Saquarema, no litoral do estado. O escritor passou a se dividir entre o Rio e Saquarema. Viveu lá muitos anos com seu filho adotivo, Gustavo Adolfo Cox. Em 1989, aos 19 anos, Gustavo se suicidou. Dois anos depois, em agosto de 1991, Walmir Ayala faleceu após sofrer um infarto. A vida do escritor foi marcada por essas duas grandes perdas – a de sua mãe e a de seu filho.

Joaquim Lucio Cardoso Filho, mais conhecido como Lucio Cardoso nasceu na cidade de Curvelo, Minas Gerais, no dia 14 de agosto de 1912. Segundo Roseane Paixão (2011), seu pai era um aventureiro desbravador. Sua mãe, Maria Wenceslina Cardoso, a Dona Nhanhá, era costureira. Lucio Cardoso tinha cinco irmãos: Maria Helena, Maria de Lourdes, Regina, Adauto Lucio Cardoso e Fausto Cardoso.

Por causa do espírito aventureiro de seu pai, Lucio Cardoso morou em várias cidades, principalmente em Minas Gerais, um dos principais cenários da obra do escritor. Os primeiros anos de sua infância foram vividos em Belo Horizonte. Aos 11 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde nasceu a paixão pelo cinema, pelo teatro e pela literatura. Aos 12, por não se dedicar aos estudos, é obrigado a voltar a Minas Gerais, onde passa a estudar num colégio interno.

Aproximadamente quatro anos depois, Lúcio Cardoso voltou a viver no Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, sem ter concluído os estudos escolares. Ao voltar para a casa, aproximou-se de sua irmã, Maria Helena, que seria sua amiga fiel até o fim dos dias.

O desinteresse de Lucio pelos estudos permanecia e, por isso, foi incentivado a trabalhar. Seu tio Oscar Neto lhe arrumou uma ocupação numa companhia de seguros. Paralelamente a essa ocupação, passou a dedicar-se à escrita e, em 1934, Lucio publicou seu primeiro livro, *Maleita*, ao qual se seguiram vários outros, que o tornaram um escritor importante no cenário literário brasileiro. O escritor também se dedicou à pintura, ao cinema e ao teatro, além de ter atuado na imprensa carioca.

O escritor vivia de forma desregrada. Passava noites bebendo e, muitas vezes, usando drogas. Sua vida boêmia o acabou levando a passar por dificuldades financeiras e foi a causa também de seus problemas de saúde. Em 1962, teve seu primeiro acidente vascular cerebral e, embora tenha sido alertado pelos médicos, não cuidou de sua saúde. No mesmo ano, teve um derrame cerebral que quase o matou e o impediria de escrever e o levaria a se dedicar somente às artes plásticas. Alguns anos depois, sofreu novamente um derrame cerebral, que o levou à morte, em 1968. Era homossexual assumido, embora, em seu diário, não abordasse a questão abertamente.

Harry Laus nasceu em Tijucas, Santa Catarina, em 11 de dezembro de 1922. Foi o mais novo de doze irmãos, os quais ficaram responsáveis por cuidar dele, quando sua mãe morreu. Como Walmir Ayala, perdeu sua mãe muito novo: aos seis anos de idade. Em 1943, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde cursou o ginásio e, posteriormente, a Escola Preparatória de Cadetes. Segundo Melo (2001), ingressou na Escola Militar sem precisar prestar exames, por ter sido aprovado por média.

Por ser militar, viveu em várias regiões do país, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Natal, Minas Gerais, Mato Grosso etc. Em 1964, foi promovido a Tenente-Coronel e foi para a reserva. Em função do seu comportamento sexual – o escritor era homossexual –, foi coagido a fazer um requerimento de próprio punho solicitando sua transferência para a reserva (VIEIRA, 2009). Apesar de militar, como Lucio Cardoso, Harry Laus era boêmio: gostava da noite carioca, frequentava os bares da cidade e fumava bastante.

Desde muito jovem, interessava-se pelas artes plásticas e literatura. Ainda jovem também, começou a publicar ensaios, contos e crônicas em jornais e recebia prêmios por seus textos. Segundo Vieira (2009), em 1954, recebeu o Prêmio Nicolau Carlos Magno por seu ensaio teatral “Alguns Habitantes de Ibsen”.

Em 1958, lançou seu primeiro livro de contos, *Os incoerentes*. Sua carreira como escritor e crítico sempre foi frutífera. Publicou vários livros e textos em jornais. Ao deixar o Exército, continuou escrevendo para jornais e também atuou em instituições relacionadas à cultura – foi curador de exposições no Museu de Arte de Santa Catarina e, posteriormente, seu diretor, por exemplo.

Faleceu em 1992 em função de um câncer no pulmão.

Por meio desta breve exposição da trajetória dos três escritores, é possível perceber algumas semelhanças entre eles: os três eram homossexuais e escreveram seus diários no período da década de 1950; interessavam-se não apenas pela literatura, mas por outras artes, como pintura, teatro e cinema; escreviam para jornais de grande circulação, nos quais publicaram textos de ficção e não ficção, como ensaios e críticas; passaram por momentos de angústia e solidão, que eram relatados em seus diários.

Durante o projeto de pesquisa, foram analisados os diários de Wal-mir Ayala, os livros *Diário I – Difícil é o reino*; *Diário II – O visível amor*; *Diário III – O visível amor*. Foram analisados também os diários de Harry Laus. Em relação à análise do diário de Lúcio Cardoso, esta também foi iniciada, mas ainda não foi concluída.

Nos três volumes de seu diário, Ayala aborda vários temas. Fala sobre o seu trabalho de criação, suas inspirações, rememora fatos da sua vida, revela suas frustrações e decepções amorosas, conta sobre pequenas viagens que faz pelo Brasil – principalmente, a Minas Gerais. Conta ainda fatos sobre sua relação com os irmãos Maria Helena e Lucio Cardoso.

Embora não trate abertamente do assunto, fala também da sua homossexualidade, ao se referir aos seus parceiros, aos seus relacionamentos e desilusões. De fato, este é um assunto que ocupa várias páginas de seu diário. O escritor se considera um desamado: “Eu sou um desamado irremediável” (AYALA, 1963, p. 60). Ayala acredita que não consegue corresponder plenamente quando é amado e também ao contrário: não é correspondido quando ama.

Outro tema recorrente é seu eterno estado de angústia e tristeza. O escritor se lamenta constantemente: “A inexplicável angústia me põe deprimido. É porque reconheço a inutilidade da vida, eu que estou vinculado a ela por uma irresistível paixão. Sei que estou só,

que ninguém espera nada de mim, e que eu não tenho nada para dar” (AYALA, 1963, p. 13-4).

São inúmeras as passagens de situações amorosas mal resolvidas, decepções. O escritor parece desejar um relacionamento amoroso satisfatório, mas nunca atinge este objetivo: “Meu momento de terror por saber que não tenho nada e muito menos o amor.” (AYALA, 1963, p. 112). Além disso, Ayala relaciona constantemente a ideia de amor à morte: Para mim o amor era frequentemente a possibilidade de descobrir um pouco mais o ramo subterrâneo que une o espírito à morte” (AYALA, 1962, p. 18).

Na verdade, a morte é um dos principais temas do diário de Walmir Ayala. Ao longo das quase 400 páginas dos três volumes do diário, em praticamente todas as datas, aparece alguma referência à morte. O escritor parece viver um luto tardio provocado pela perda de sua mãe, quando tinha apenas quatro anos de idade. Esta perda marcaria sua vida e seu trabalho para sempre.

Em um dos trechos do diário, Ayala afirma: “Comecei a fazer poemas muito cedo, como compensação do diálogo interrompido com as pessoas que me rodeavam. A morte de minha mãe na primeira infância foi a raiz de tudo. Acho que foi pela oração que cheguei à poesia, contrição solitária que me impediram de cair no poço para sempre.” (AYALA, documento. 28, p. 4-5, *apud* PAIXÃO, 2011, p. 32)<sup>76</sup> Dessa forma, a morte de sua mãe não apenas o motivaria a escrever, como o luto seria um tema constante em sua escrita.

Para o poeta, a morte de sua mãe influenciaria, inclusive, no fracasso dos seus relacionamentos amorosos. Ele acredita não ter direito a viver um grande amor. O escritor diz: “Porque só o amor importa, amor de belos, de corpos e almas em floração. Dizendo isto me nego tudo. Principalmente este direito de um grande amor cuja chave perdi com a morte de minha mãe” (AYALA, 1962, p. 59, 60).

---

<sup>76</sup> Esta citação foi retirada da dissertação de mestrado de Roseane Cristina da Paixão, a qual compilou documentos – “artigos de jornais, entrevistas sobre o autor e por ele concedidas a terceiros, cópias de alguns originais, muitos dos quais sem referências, cedidas gentilmente pelos guardiões do acervo de Ayala na Casa de Cultura Walmir Ayala, sediada na cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro” (PAIXÃO, 2011, p. 28) - sobre a biografia de Walmir Ayala.



Ayala parece oscilar entre o desejo de morrer e uma ânsia pela vida. Em um determinado trecho afirma entender aqueles que pensam na possibilidade de suicídio: “Me interessa viver. E às vezes nem me interessa viver. Entendo cada vez mais os que se suicidam, embora esteja por uma questão de temor cada vez mais distante de uma atitude dessa natureza” (AYALA, 1962, p. 26).

Por outro lado, numa atitude de repulsa e negação à morte, o escritor diz: “Não quero morrer! Sem dúvida o que mais me preocupa é o desejo irrefreável de ser um verdadeiro poeta” (AYALA, 1962, p. 89) Ayala parece viver, assim, numa contradição de ânsia e desprezo pela vida e também pela morte.

Nesse paradoxo, a escrita tem papel crucial, já que é por meio dela que o escritor se relaciona com o seu luto e com suas escolhas de vida: “A esta altura digo, como D. H. Lawrence: ‘escrevo por meu bem’. Sim, se escrevo é para não me perder, porque escrevendo me ponho em ordem. No fim é a busca da felicidade” (AYALA, 1962, p. 121). Uma felicidade sempre buscada, desejada, mas que nunca é alcançada.

Para Walmir Ayala, escrever não é apenas um momento de auto-organização, resistência, confidências, reflexão e desabafos, mas também uma forma de se sentir útil: “Cada dia penso: o que estou fazendo da minha vida? Em que sentido sou útil a mim e aos outros? Ainda não tenho discernimento disso. Mas de qualquer maneira não encontro coisa mais digna para mim, mas indispensável e fatal do que escrever” (AYALA, 1962, p. 24).

Como não consegue se realizar no campo amoroso, Ayala procura encontrar o amor na escrita: “(...) o amor único, intransponível, insubstituível, este não me acontece. (...) Eu diria que a criação literária é a minha possibilidade de permanência no amor temporal e limitado” (AYALA, 1962, p. 18).

Ainda que pareça acreditar que lhe foi vedado o direito de ser amado, sua crença no amor se confirma até a última página de seu diário. No último dia da obra, 26 de dezembro de 1961, sua última frase é: “Enfim, só redimimos com amor” (AYALA, 1976, p. 126).

Walmir Ayala e Lucio Cardos eram amigos íntimos. O diário I de Lúcio Cardoso é dedicado a Ayala. Os dois têm em comum também a amizade com Maria Helena, irmã de Lúcio, e uma angústia e uma insatisfação que parecem ser permanentes na vida de ambos. Ayala viveu algum tempo

na casa de Maria Helena e via Lúcio como uma espécie de mentor intelectual.

Os diários de Lúcio Cardoso estão reunidos numa edição da *Civilização Brasileira*, editados por Êsio Macedo Ribeiro. Na obra, estão publicados não apenas os diários propriamente ditos, mas anotações inéditas e fragmentos que estavam deslocados, fruto de uma pesquisa realizada por Êsio.

No que diz respeito aos diários propriamente ditos, estes estão divididos em três volumes: Diário 0 – abrange os anos de 1942 a 1947 –, Diário II – de 1949 a 1951 – e Diário III – de 1952 a 1962. Para este projeto de pesquisa que aqui apresento não foram considerados os outros trechos que não estavam incluídos no diário. Isso porque, na maioria desses trechos avulsos, Lúcio pouco se refere ao seu corpo e às suas emoções – e quando o faz, tudo que escreve muito se assemelha ao que está disponível nos diários. Fala sobre viagens, impressões de leitura, seu trabalho etc. Cabe ressaltar ainda que muitos desses trechos estão repetidos nos outros diários.

O Diário 0 também destoa um pouco dos demais em função de Lúcio se deter mais no seu trabalho e na sua vida pessoal, ainda que fale um pouco dela. Assim, priorizamos no projeto a análise dos Diários I e II. De qualquer forma, algo que chama a atenção no Diário 0 é sua detalhada análise de diversos trechos da Bíblia e ainda o fato de o escritor se referir constantemente à questão da genialidade, tema que ele abandona nos demais diários. Embora não afirme claramente, os trechos indicam que Lúcio se considerava um gênio: “Já não é mais tempo de indagar ou constatar a que estado de vida cheguei, que coisa admiti, como me tornei. O processo ‘filosófico’ terminou e agora só resta viver tudo que me acontecer. Já não importam as conclusões, nem o estar desta ou daquela maneira. Vida de gênio” (CARDOSO, 2012, p. 113). Ou ainda: “Por momentos, quando estou muito calmo da vida, lembro-me de repente da minha ‘grandeza’, da minha genialidade. E então isso me parece surpreendente, acho isso engraçadíssimo...” (CARDOSO, 2012, p. 111).

No Diário 0, ainda, Lúcio traz alguns assuntos que tornaria a repetir frequentemente em seus textos seguintes, como Deus, Jesus Cristo, fé, morte, amor e felicidade. Nos Diários I e II, tais temas se repetem e recebem uma outra maneira de tratamento. No que diz respeito à morte, por exemplo, o escritor se torna ainda mais contundente, questionando-se sobre o assunto.

Em relação à questão da morte, esta se torna um tema importante para o autor. Está sempre refletindo sobre o assunto, o que parece refletir o que o Lúcio denomina de sua “perpétua tendência à autodestruição” (CARDOSO, 2012, p. 213). Em vários trechos, o escritor afirma acreditar que está próximo à sua morte: “Neste minuto agora, para citar um exemplo, sinto-me extraordinariamente próximo da minha morte. E que é a morte senão a essência de todos nós?” (CARDOSO, 2012, p. 234).

Os diários de Lucio Cardoso ainda serão analisados mais detidamente.

A pesquisa se deteve ainda na análise dos diários de Harry Laus. Neles, é possível perceber um jogo de silenciamento versus fala. A homossexualidade é um tema que, de alguma forma, perpassa a obra dos três escritores. No caso de Harry Laus, não é diferente. Entretanto, o escritor não se refere abertamente à sua orientação sexual. Refere-se ao tema quando aborda textos literários de escritores que – estes, sim – tratam do assunto abertamente.

Assim, é possível observar em sua escrita um movimento paradoxal: Laus cala sobre sua própria vida, mas admira a atitude dos escritores que falam sobre o tema. Um exemplo é André Gide, escritor francês considerado emblemático quando se fala sobre homossexualidade.

Como no caso dos demais escritores, a morte também é um tema recorrente em Harry Laus. O escritor também perdeu sua mãe na infância e, como a Ayala, se refere a esta perda constantemente.

São páginas repletas de angústia, tristeza, desolamento...

## **5. Conclusão**

A pesquisa realizada até agora revelou semelhanças e diferenças entre os escritores. Entretanto, as semelhanças parecem ser mais contundentes nesse processo de comparação.

No que diz respeito ao foco da pesquisa – corpo e emoção –, importa ressaltar que análise até aqui demonstrou a semelhança na maneira de pensar de Waldir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus. Os três se mostram angustiados, desmotivados, deprimidos. Refletem constantemente sobre o seu trabalho, com a diferença que, para Laus, esta dimensão da vida tem um outro sentido, já que ele era oficial do Exército.

Os escritores também abordam constantemente a questão da morte e também falam sobre a morte de suas mães. Entretanto, enquanto Lúcio perde sua mãe no decorrer do diário, Ayala e Laus sofreram esta perda quando eram crianças. Se, para Lucio, falar da mãe implica falar sobre uma vida que se esvai diante de seus olhos, de forma triste e impactante, para Ayala e Laus, significa tratar de um luto distante, uma perda da infância e nunca superada.

Outra característica relevante é a relação que têm com o diário: Walmir o considera um espaço fundamental para desabafar sobre seus problemas e relatar suas “minúcias e danos”, como o autor mesmo indica. Lúcio Cardoso também se refere constantemente ao seu diário assim como Laus.

Em termos de comparação ainda, no que diz respeito à homossexualidade, Walmir Ayala é muito mais explícito dos três, falando sobre seus fracassos amorosos e se referindo aos seus relacionamentos, utilizando o gênero masculino. Ao contrário, embora Lúcio Cardoso também fosse declaradamente homossexual, pouco levantava o assunto em seu diário e em raríssimas vezes abordava sua vida pessoal. Harry Laus, por sua vez, só trata da homossexualidade quando se refere a escritores que abordam o tema em suas obras.

Ainda é necessário que o diário de Lucio seja analisado por completo, de maneira a permitir análises e comparações mais aprofundadas.

A questão do gênero necessita discussões teóricas mais elaboradas, principalmente, no que diz respeito às masculinidades – tema que deverá ser o foco das próximas análises.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

\_\_\_\_\_. *Memoria y autobiografía*: exploraciones en los límites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

AYALA, Walmir. *Diário I – Difícil é o reino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.

\_\_\_\_\_. *Diário II – O visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1963.

\_\_\_\_\_. *Diário III – A fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Brasília, 1976.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Bodies that matter – on the discursive limits of sex*. London and New York: Routledge, 2014.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1965.

CARDOSO, Lucio. *Diários*. Organização e edição de Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Vols. 1, 2 e 3. Petrópolis: Vozes, 2009.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. Entre devaneios, sonhos e delírios: de Carolina Maria de Jesus a Estamira. In: CHIARA, Ana Cristina de Rezende; SANTOS, Marcelo dos; VASCONCELLOS, Elaine (Orgs.). *Corpos diversos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

GUSDORF, Georges. Condiciones y limites de la autobiografía. *Suplementos Anthropos – La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991.

HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.

KORSMEYER, Carolyn. *Savoring disgust – The foul and the fair in aesthetics*. Nova York: Oxford University Press, 2011.

LAUS, Harry. *Monólogos da provação*. Florianópolis: Bernúncia Editora, 1998.

- \_\_\_\_\_. *Impressões de leituras*. Florianópolis: Bernúncia, 1998.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias – antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico – De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LOUREIRO, Ángel G. Problemas teóricos de la autobiografía *Suplementos Anthropos – La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991.
- MELO, Maria Albertina Freitas de. *Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. 2001. 496 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis: UFSC, 2001.
- MILLER, William Ian. *The anatomy of disgust*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1997.
- PAIXÃO, Roseane Cristina da. *Quando a arte imita a vida: ficção e memória nos diários de Lucio Cardoso e Walmir Ayala*. 2011. 209 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del Rey). São João Del Rey: UFSJ, 2011.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas da amizade: um ensaio em antropologia das emoções. In: *Mana*. 8(2): 69-89, 2002.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário de uma escritora vira lata*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2012.

VIEIRA, Maria Aparecida Borges. *Os papéis de Harry Laus: um perfil do crítico de arte no jornalismo brasileiro*. 2009. 374 f. Dissertação de Mestrado em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis: UFSC, 2009.